

QUOTIDIANOS COLECTIVOS: ESPAÇO PÚBLICO E SOCIABILIDADES NA EXPO'98

Rui Telmo Gomes

Resumo A Expo'98 foi um acontecimento único que suscita diversas linhas de reflexão. Neste artigo propõe-se uma análise sobre os seus efeitos e significados enquanto cenário de relações sociais densificadas, cenário próprio da aglomeração festiva, tomando como objecto de análise a imagem mediática desse mega-evento particular. Sendo um evento lúdico e individual para cada visitante, foi também ocasião de intenso relacionamento social e de vivências colectivas; sendo um contexto singular de interacção, não deixou de ter prolongamentos e impactos nas rotinas quotidianas; sendo uma manifestação com acentuado carácter institucional, foi ainda lugar de evidenciação de formas de estar relativamente imprevistas. Procura-se ao longo do texto examinar em que medida a combinação destas múltiplas dimensões correspondeu a um momento invulgar de construção do espaço público.

Palavras-chave Eventos culturais, sociabilidades, espaço público.

Um dos principais efeitos da Expo'98, não apenas como evento cultural, mas também como fenómeno social, adveio da concentração de pessoas que participaram nela.¹ A afluência massiva de visitantes definiu um contexto de particular densificação das relações sociais, marcado pelo cruzamento de diferentes formas de estar e de que não poderia deixar de resultar a emergência de formas de interacção que, embora incomuns ou menos visíveis noutras circunstâncias, se tornaram correntes e até características do evento.

Para a análise desse contexto de densificação social tomam-se como observáveis excertos de artigos da imprensa escrita publicados durante a Exposição. Identifica-se neles um duplo sentido: o de relatos das vivências experimentadas e observadas; e o da imagem produzida sobre o acontecimento, como parte integrante dele. Este duplo sentido podia aliás confirmar-se abundantemente.

Para além dos portugueses que emprestam a sua simpática hospitalidade a este evento, temos de contabilizar o enorme rebanho de curiosos que não querem deixar de carimbar os seus passaportes simbólicos nos diferentes pavilhões, os que vão visitar os seus entes queridos, orgulhosamente retidos neste trabalho de Verão, os que vão para dizer que lá estiveram, os intelectuais à procura de inspirações, os abastecedores para vender os seus produtos, os jornalistas para descobrir o que de melhor e pior acontece, os taxistas para sacar mais alguns trocos aos estrangeiros, os adolescentes para fugir uma tarde inteira à alçada dos pais, a avozinha que teima em andar no teleférico, em vez de tricotar umas botinhas de lã para o netinho, etc., etc.

[Vera Ferreira, "Um apeteçível boião de aventuras", *A Capital*, 25/6/98: 20]

Como se vê por este exemplo — e se poderia verificar em muitos outros —, a variedade de razões e de comportamentos de visita foi um dos principais factores de visibilidade da Expo'98. Em termos de análise, a diversidade de pessoas simultaneamente presentes num mesmo espaço pode pensar-se como contexto de convivialidade enquanto forma de interacção social com um significado próprio: nem demasiado centrada em interesses individuais, como acontece por exemplo entre duas pessoas com algum grau de familiaridade; nem determinada por interesses de âmbito geral (materiais, políticos, ou outros) que transcendem a situação de co-presença sem no entanto a esgotarem. Neste sentido, a convivialidade surge como forma social específica, relativa a situações de sociabilidade em que não se verifica demasiada confiança, mas que também não são estritamente impessoais (Georg Simmel, 1997). Nestas circunstâncias como se comportam as pessoas na sua relação com as outras? Que efeitos de conjunto se podem observar? Não terá sido a Expo'98, entre as suas múltiplas dimensões, ou mais propriamente o recinto, um tal cenário?

Estas questões, genericamente enunciadas, norteiam o presente texto. Ao longo dele, evocam-se diversos episódios e testemunhos como ilustrações situacionais de vivências compreendidas num mega-evento. Não se procura aqui dar conta de todos os “pequenos acontecimentos” dentro do “grande acontecimento”, nem reduzir este àqueles. Procura-se antes, através do carácter particular de algumas descrições e opiniões transmitidas pelos média (pela imprensa escrita, no caso), localizar e interpretar significados que transformaram a Expo'98 numa ocasião especial — pelo seu carácter efémero, pelos meios envolvidos e pela participação verificada —, propícia à reflexão sobre os mega-eventos como ocasiões de construção colectiva do espaço público.

O texto apresenta-se em três pontos. Num primeiro, considera-se o modo como a combinação entre a dimensão lúdica e o significado social do evento constituiu um contexto de entrelaçamento entre o carácter individual e colectivo da visita à Exposição. Em segundo lugar, vê-se como esta foi, em simultâneo, cenário de afastamento face ao quotidiano normal e também recriação de vários quotidianos e contextos que ali se cruzaram. Finalmente, pensando na Expo'98 como festa, ver-se-á como são seus elementos constitutivos uma dimensão institucional e uma dimensão de imprevisto; da porosidade entre ambas resultaram vivências entre o organizado e o espontâneo, dimensões nem sempre facilmente destrincháveis na prática.

Acontecimento lúdico e aglomeração social: participação individual e colectiva

Na ida à Expo'98, certamente cada visitante transportava as suas expectativas mais ou menos individualistas. Por outro lado, o evento comportou impactos e significados bem mais abrangentes e impessoais que os relativos às situações de interacção. Mas, retomando o conceito de convivialidade definido por Simmel — aqui

transposto para uma escala de interacção mais abrangente —, enquanto fenómeno de concentração de pessoas e densificação das relações sociais a Exposição foi um acontecimento único (como são todos deste género. Uma das dimensões mais interessantes da sua natureza ao mesmo tempo institucional, pública e efémera foi a multiplicação dos encontros informais entre pessoas que não se conheciam. Este factor contextual foi determinante para a concretização do ambiente de festa.

Esse ambiente de festa fez-se também do cruzamento entre os diversos tipos de visitantes e mesmo da procura explícita dos outros visitantes. Mais ainda, pode ver-se na festa a procura e emergência do, por assim dizer, visitante colectivo, como ilustrou um dos diversos episódios da excepcional celebração do último dia.

Para reconstituir um episódio famoso — o “pregão da Elsa” lançado no encerramento da Expo'98 — é necessário recuar a outros eventos culturais, designadamente festivais de música, realizados em diversos pontos do país ao longo do Verão de 1998, onde se terá começado a desenhar — o que, aliás, não deixa de lhe conferir um significado além do meramente episódico. Segundo se dizia, sendo irrelevante a verosimilhança do boato para os efeitos resultantes, duas amigas perderam-se de uma terceira no parque de campismo da Zambujeira do Mar, durante o festival de rock aí decorrido. Ao gritarem o seu nome — *ÓElsa* —, outros campistas juntaram-se ao chamamento, dando origem não a uma *private*, mas a uma *public joke*. De resto, a piada surgiu noutros lugares, durante o Festival de Paredes de Coura, na Festa do *Avante* e porventura não só.

De qualquer modo, o efeito da piada veio a atingir o paroxismo no último dia da Expo'98, onde o pregão surgiu ali e acolá entre a multidão e se transformou ele próprio em acontecimento e símbolo da festa, que os jornais incluíram nas crónicas do último dia. Foram inúmeros aqueles que, entre o meio milhão de anónimos, fizeram parte do chamamento colectivo de um destinatário virtual e, ao mesmo tempo (numa metáfora literalmente vivida —, foram também inúmeros os que se viram incapazes de fazer as suas chamadas particulares através dos telemóveis e assim falharam encontros previstos, dado que as redes ficaram saturadas e inoperacionais com a afluência de visitantes. Contornando a metáfora, não deixa de ser ilustrativo do ambiente festivo do acontecimento a contingência de a comunicação tecnológica e privada falhar na proporção inversa da emergência de uma comunicação circunstancial, sem fim em vista e colectiva (embora, claro está, não se possa ver aqui nenhum nexos causal. Em todo o caso, procurando alguém que ninguém em particular desconhecia, poder-se-ia porventura conhecer outra gente, mesmo se apenas por uma noite. Albergando encontros e desencontros individuais mas antes colectivos, a praça fez-se pública.

Como pode acontecer em tais circunstâncias, o episódio prolongou-se em alguns exemplos casuais. Meses depois, num jardim de Lisboa, podia ver-se um grupo de rapazes lançarem como pregão de grupo, não o talvez mais provável cântico de claques de futebol, mas o mote “ÓElsa”. Ou, num outro lugar, podia ver-se ainda um rapaz vestir uma camisola com um desenho estampado representando uma multidão desordenada e encimado pelo mesmo mote.

Enfim, deixando de lado descrições mais particulares, o que neste episódio se viu só se tornou possível no contexto de efervescência colectiva (Émile Durkheim,

1979), sensível ao longo da Exposição e que culminou no seu encerramento. É exagerado ver na "Elsa" uma espécie de totem virtual ou de símbolo colectivo, mas não pode deixar de notar-se como foi fulgurante a adesão à piada pública. Sem dúvida, a procura era irónica: se o objecto do desejo se "desmaterializou", permaneceram e até aumentaram em número aqueles que o/a procuravam. Por um lado, evidenciou-se o carácter superficial da convivialidade, no sentido de disponibilidade para a fruição do acontecimento. Por outro lado, no cenário de tamanha aglomeração, tornou-se mais densa a interacção já não inter-pessoal mas sim social. E assim se fez e consumou a festa, não apenas no seu significado imediato, como também num significado mais profundo: o da vivência e reconhecimento do colectivo.

É porque se verificou essa dimensão de festa que a Expo'98 adquiriu uma especial importância como fenómeno social que vai afinal além da festa em si mesma. Enquanto evento cultural efémero, a Exposição afirmou-se como erupção singular do lúdico, nela se definindo um quotidiano especial (o da visita diária para o conjunto dos visitantes. Por outro lado, sob formas muito diferenciadas, esse quotidiano não deixou de se insinuar no quotidiano normal. Se foi uma manifestação excepcional do que poderíamos designar por "cultura dos ócios" (Maria de Lourdes Lima dos Santos, 1995), qual o significado da Expo'98, não apenas no próprio acontecimento mas para além dele, em termos de participação, comportamentos e formas de interacção social?

Por um lado, a Exposição foi um fenómeno de massas. Por outro, foi também a congregação de modos diversos de estar na Exposição por parte de pessoas e grupos sociais diferentes. E é essa concentração de diferentes participações e envolvimento que no seu conjunto comportam um significado que transcende a mera soma de visitantes. Entre o plano global das massas e o plano particular das presenças individuais, o que vale a pena enfatizar na análise do acontecimento é o efeito de conjunto resultante da co-presença. A pretexto de uma deambulação cultural, a Expo'98 tornou-se um lugar propriamente comum, vivido para além do espectro dos "7 aos 77".

Se alguns optam por assentar arraiais num desses espectáculos, a maioria prefere andar de um lado para o outro, sem se fixar em lado nenhum. Helena é bem o exemplo. Fazia 15 anos e convidara os amigos. Juntos partiram à conquista nocturna da Expo. Depois de terem desembolsado dois mil escudos, escolheram um "snack-bar" onde "picaram" umas coisas. Depois, foram passando pelos vários palcos, assistiram ao *Acqua Matrix*, visitaram a Praça Sony e, às duas da manhã, foram para a Gare do Oriente, à espera do próximo comboio. Como o Metropolitano de Lisboa disponibiliza poucas carruagens, os lugares são poucos e os comboios levam algum tempo a aparecer.

Nessa noite, Helena repetiu praticamente o mesmo percurso que a sua tia-avó fizera dois dias antes. Com 88 anos, Ana Maria havia combinado encontrar-se com a irmã, uns anos mais nova, em Telheiras, para seguirem para a Exposição. O encontro estava marcado para as 10 horas, mas como se desencontraram, Ana Maria decidiu entrar no metro e seguir até à Gare do Oriente. À tarde, a família começou a ligar para os

hospitais, para a polícia, e mesmo para o recinto da Exposição, onde o seu nome foi chamado pelos microfones. Ana Maria não ouviu e andou descansadamente a passear até às 22 horas. Ainda teve tempo para assistir à entrada dos mais novos. Só quando finalmente chegou a casa se apercebeu da inquietação da família. Inquietação desnecessária. Ana Maria adorara passear pela Expo e ninguém lhe fizera mal.

[Vítor Rainho, "Des(animação) nocturna", *Expresso. Vidas*, 13/6/98: 6.]

Neste caso como noutros, o espaço colectivo da Expo'98 revelou-se como espaço sincrético de diferentes modos de estar, compreendendo diferentes nichos de comportamento. Nesse sentido, não sendo um espaço apropriado para a manifestação do individualismo, esteve longe de anular vivências pessoais e pode mesmo considerar-se o quotidiano da Expo'98 como um campo de intervenção pessoal (José Machado Pais, 1995). Por exemplo, em rituais como o culto do corpo no lazer.

Mas não se pense que a Expo é só um mar de gente em filas com o desejo de saciar a sua "fome" de novas culturas. Pelo contrário, ao passar pelas avenidas (com o devido cuidado para não ser atropelado pelos carros eléctricos que por ali transitavam (reparei que os "expo-veraneantes" aproveitavam para se bronzear e banhar pelos canais da Expo. Em jeito de confissão um visitante menos ortodoxo susurrou-me que o seu bronze era um "bronze a la Expo").

[Nuno Barata, "Bronze a la Expo e outras coisas", *A Capital*, 17/8/98: 20.]

A esta esfera da intervenção pessoal não foi alheia alguma dimensão de sensualidade. Pelo contrário, ela foi mesmo procurada, em especial, como era de esperar, nas muito promovidas Expo-noites.

Mas por mais voltas que se dêem, um espaço marca de forma indelével as noites da Expo. Local de confluência multi-geracional, no *Bugix* tudo acontece.

(...) As extensas filas que habitualmente se formam no exterior visam apenas e só uma singela oportunidade de aceder ao já lendário primeiro andar. Com ou sem copos, mais ou menos pérfidos, pulam em cima das mesas, exibem-se das janelas para o mundo, passeiam-se sem norte aos atropelos, avistam-se, esmurram-se, acariciam-se. A formosa Ana que o diga, que, numa pausa entre dois ofegantes beijos a uma qualquer alma ébria, encontra ainda fulgor para esclarecedoras palavras: "Isto é um espectáculo! Fartamo-nos de conhecer pessoal, dançamos e bebemos até mais não. É uma loucura, não troco isto por nada. Já cheguei a vir de propósito à Expo por causa do *Bugix*. Os copos é que podiam ser um pouco mais baratos"...

[Tiago Luz Pedro, "Longas são as noites", *Público*, 25/7/98: 30-31.]

O "conhecer pessoal" foi mesmo dos atributos mais valorizados da visita. Mais até se, em consonância com a imagem do "cruzamento de culturas", nos lugares da noite havia gente vinda de paragens distantes. À parte o alegado maior ou menor bom-gosto das piadas, era o outro que se procurava ainda.

O simples facto da bebida típica do bar ter uma sonoridade parecida com “guapa” sugere um chorrilho de piadas idiotas a que todos acham montes de graça. Excepto a empregada venezuelana que anda há três dias a aturar estes rebuscados traços de humor e a insistir que lá no meio do vocábulo existe um “erre”, que não é nada disso, não vão servir garotas “guapas”, é só rum com frutas tropicais. Ao fim do primeiro, os pedidos de “guapas” sucedem-se ainda com mais insistência e a desgraçada desiste. “Bueno, esta bien, quantas guapas?”.

[Ana Fernandes, “Isto é uma pedra”, *Público*, 26/5/98: 28]

Nem só o outro distante foi fugazmente encontrado. A noite deu também azo a que se reencontrassem outros “esquecidos pelas rotinas da vida”.

São então os pratos que se comem, feitos de iguarias perfeitamente normais, mas a que as noites longas dão outro toque. São as benditas “margaritas” que nos fazem cantar em castelhano ou as mesas do *Bugix* que depressa se tornaram o piso ideal para muitas perninhas de dança e jantares de “combíbio”. São os encontros casuais com amigos de longa data esquecidos pelas rotinas da vida.

[Cláudia Silva Santos, “Nas pegadas da exposição”, *A Capital*, 8/9/98: 31.]

E houve ainda outras formas de viver a noite, que embora menos lúdicas, nem por isso menos excepcionais e também, de algum modo, reformuladoras da rotina.

Depois das três da manhã, a Expo fecha as portas ao público, mas não pára. No recinto da exposição, há quem trabalhe para que tudo esteja impecável no dia seguinte. Limpam, varrem, lavam, regam, repõem, distribuem. São uns autênticos heróis da noite.

Na maior parte dos casos gostam do que fazem. Até mesmo aqueles que passam uma noite inteira a limpar o que os outros sujaram.

A gente tem que trabalhar, não é verdade? Assim, sempre trabalhamos ao ar livre, aqui na Exposição, refere Ilda Leite, 43 anos.

[“Heróis da noite garantem certame”, *Correio da Manhã*, 2/7/98: 5]

Se a noite da Expo’98 deu lugar a sociabilidades de carácter mais ou menos sensual, também o deu a formas de participação mais discretas. Em qualquer dos casos, uma vertente marcante da densidade social da Expo’98 foi de facto o confronto com o outro, com outras circunstâncias, ou com outras práticas. Por exemplo, a inclusão no recinto de um espaço para os desportos radicais e outras sensações fortes (Espaço Adrenalina) inseriu no contexto lúdico da Exposição um cenário privilegiado de busca da excitação (Norbert Elias, 1992). Proporcionou-se assim, e não só aos adeptos já conquistados por estas actividades, uma procura controlada de um suave e agradável descontrolo de sensações.

Mas — nestas histórias há sempre um “mas” —, há muito tempo que aguardava, secretamente, a oportunidade de, pelo menos uma vez na vida, dar asas ao meu *wild*

side. E, desde a primeira vez que entrara na Expo, aquele salto de 30 metros simbolizava para mim a atracção pelo abismo. Durante meses, tentei convencer alguns amigos a transformar a minha própria insanidade num momento de loucura colectiva. Sem êxito.

Até que um deles aceitou. A partir desse momento, acabaram-se as desculpas e quarta-feira, pouco depois da meia-noite, já estava na fila a ouvir os gritos desesperados de quem ficava e balançava de um lado para o outro. Como sempre acontece nestas ocasiões, o tempo passa-se em cumplicidades com os amedrontados "heróis" e na observação daqueles que, de "peregrinação" cumprida, respiravam de alívio e assistiam à proeza no vídeo disponível.

[Nuno Coelho, "Take a walk on the wild side", *A Capital*, 25/9/98: 30]

Este exemplo ilustra, de forma "radical", como a Expo'98 foi também oportunidade para um deslocamento das tensões do quotidiano normal, mimetizando sensações arriscadas e possibilitando enfim um efeito catártico. Mas algo mais estava em causa para além da catarse. Não é indiferente que o destemido visitante se tenha feito acompanhar de um amigo ou tenha reparado no receio ou alívio dos restantes "heróis". Neste episódio como noutros, o efeito da catarse é tanto mais eficaz quanto mais colectivo. Se considerarmos um outro testemunho, o que poderia ser tomado como conflito de gerações transforma-se afinal, através de um riso algo carnavalesco (Mikhail Bakhtine, 1970), na afirmação do espaço sociável na Expo'98.

(A minha mãe) pegou-me por um braço e obrigou-me a entrar com ela no sítio que tanto lhe atraiu as atenções: o recinto da Adrenalina. Assistiu deslumbrada a vários saltos de elástico, soltou gargalhadas com a queda dos adolescentes com patins em linha ("ah! ah! ah! aquele deve ter-se aleijado!") (e foi ali que conseguiu esquecer as dores das artroses e das hérnias discais).

[Paula Fidalgo, "Muita música e pouco banco", *A Capital*, 27/8/98: 27]

O que o carácter mimético ilustrado por estes casos significa é que a Expo'98, enquanto expressão da esfera do lazer (que não se substitui ao mundo normal, mas dele se distingue –, possibilita um deslocamento da agressividade e conflitualidade "naturais" para um plano em que as tensões são integradas de forma não violenta. Pelo contrário, no "mundo à parte" definido pela Expo'98 desenvolveram-se condições favoráveis à procura de emoções e de interacção social.

Nas diversas utilizações do tempo e aproveitamentos do espaço, para além da invulgar simultaneidade de umas e outros, cruzaram-se dois planos, o do acontecimento pessoal e o do acontecimento nacional, sem os quais a Exposição não teria adquirido a importância que teve.

Cenários: descontextualização e recontextualização

Uma das incidências mais ilustrativas dos modos de comportamento e de interação, para além dos acima descritos, foi dada pelas ambiguamente celebradas filas de espera. A dimensão destas não pode deixar de ser vista, pelo menos em parte, como demonstração de curiosidade e vontade de aquisição de conhecimentos, particularmente para grupos sociais para os quais a possibilidade de entrar em contacto, por exemplo, com novas tecnologias, ou formas de divulgação científica, ou ainda imagens transportadas de países distantes, constituiu uma oportunidade rara no quotidiano normal, porventura acrescentando-o de algum modo. Mas houve ainda um efeito de “contágio”, que levou a querer também ver o que tantos se dispunham a visitar. Para além do estereótipo do “português que deixa tudo para a última hora” (que pôde ser confirmado por quem o quisesse —, a intensificação das visitas à Exposição na sua fase final resultou também do “passar a palavra”, afinal um veículo por excelência de fazer comum o evento.

Mais à frente, mesmo à entrada, alunos de uma escola de Arcos de Valdevez não conseguem explicar muito bem a razão que os levou, logo às dez da manhã, a escolher em primeiro lugar o Pavilhão da Realidade Virtual. “Chegámos há duas horas, quando a bicha era pequena”, diz um. “Sei lá, porque é interessan...”.

A frase é interrompida porque um dos guardiões da Oceania (o tema do Pavilhão) tira a fita vermelha e o grupo precipita-se. Como em todas as outras entradas, são admitidas 40 a 45 de cada vez para fazer “a viagem virtual à cidade submersa – a Oceania”. Há uma certa excitação entre o grupo e, depois de duas horas de espera, algum sentimento de que ali, entre os 45, estão os eleitos para fazer qualquer coisa que ninguém sabe bem o que é. Mas deve valer a pena, pela espera e pelo bilhete.

(...) Alf Boström e Lotta Peterson, um par de namorados suecos que veio de Albufeira até à Expo, acharam “um pouco decepcionante” porque ficaram hora e meia na bicha e lá dentro também encontraram demasiados compassos de espera. “É maçador porque pára de dez em dez minutos e de realidade virtual tem pouco, é mais um filme” diz Alf Boström. Porque é que escolheram visitar o Pavilhão da Realidade Virtual? “Porque onde há uma grande bicha deve ser bom...”.

[Isabel Salema e Vasco Câmara, “Onde há uma grande bicha deve ser bom”, *Público*, 7/6/98: 36-7]

Mas nas filas de espera não se tratou apenas de aguardar vez. Mais importante é que logo nessa espera se confirmava o ter estado na Exposição, não como numa viagem imaginária, mas concretamente naquela viagem com tantos outros. E parte dessa viagem era justamente o que acontecia com os outros e o que se fazia durante a espera. Não só se conhecem novos “vizinhos”, como se “entra” com eles. No limite, até se encontram conhecidos.

A fila infundável para se visitar o ex-libris da exposição mundial, o Oceanário, é uma serpente autêntica: as pessoas têm de andar aos ziguezagues até chegarem à meta final. Ora, uma das formas de se distrair durante horas a fio é contar quantas voltas tem de se dar. Chegará à conclusão que são cerca de 40! Entretem-se, assim, a fazer a contagem decrescente. Os comentários, estes, são muitos: “parece que estamos a cumprir uma promessa”, “agora parece que chegámos ao meio”, “agora está a andar bem”, “bolas, ninguém desiste...”

Fica-se a conhecer o “vizinho” de trás, da frente, dos lados... É o casal de idosos, que deixaram o carro em Sacavém e depois vieram de autocarro, que fazem 54 anos de casamento e já são bisavós. É o casal jovem com duas filhas pequenas a quem enfiam goela abaixo um iogurte. É a mãe e a filha cujo telemóvel toca de meia em meia hora: “olha estou na fila para o Oceanário, sabes há quanto tempo?, duas horas”. Ainda faltava mais uma! É um grupo de amigos que estão sempre na brincadeira. E, no meio de milhares de visitantes, até se encontram pessoas nossas conhecidas! O mundo é mesmo pequeno!

A meio da fila já doem os pés, as costas e o pescoço. Mas se já se vai a meio, não vale a pena desistir. Quando se chega à recta final a euforia é total: bate-se palmas e diz-se adeus aos que ainda têm muito que “penar” para lá chegar.

[“O que fazer numa fila de espera”, *Olivais*, Junho 98: 6]

A propósito das filas de espera assistiu-se a um largo espectro de reacções, desde a irredutível determinação em ver o que podia ser visto, até ao desencanto e desilusão com o que se passava em volta — em volta no lugar da Exposição, ou até fora dela, no país.

O azar, afirmava uma jovem de Paços de Ferreira que com os seus amigos em três dias apenas conseguira visitar 35 pavilhões, foi “os pavilhões que queria ver serem os mais concorridos”. Mas “tem de ser. Vim cá para ver determinados pavilhões e se não tiver paciência para esperar vejo tudo menos aquilo que pretendia.

[Goretti Carneiro, “Há que aguentar”, *Semanário*, 29/8/98: 25]

Julgam que esta generalizada “fossanguince” tem a ver com o desejo de saber coisas de países que o comum dos portugueses jamais visitará? Qual quê! A correria deles, miúdos e graúdos, debilitados e menos debilitados, é baterem o recorde do número de carimbos no “passaporte” (que eles compraram numa das lojas de “recuerdos” da Expo). Para lá no bairro, na terra, no café e no emprego, imagino eu, “mostrarem” um dia as viagens que fizeram ao longo da vida.

[J. P. Baltasar Gomes, “Carta ao Director: a arte de ser português”, *24 Horas*, 21/9/98: 15]

Mesmo em visões desencantadas e até pejorativas do “ser português”, o carácter societal da afluência desordenada à Exposição não deixou de ser vincado como um dos efeitos principais das longas filas de espera e das corridas aos pavilhões —

conforme se verifica, afinal, nesta última reacção, possivelmente exasperada com a espera.

As filas de espera contribuíram para um efeito, no local, de agregação dos visitantes e de certa forma para uma relativa suspensão (mas apenas relativa e circunscrita) das diferenças entre eles. Mas também para um outro efeito, trans-local, de incorporação de experiências singulares vividas no contexto do quotidiano normal pós-Expo. Quando um dos muitos visitantes, saído da Exposição, levava o que contar, isso significava o alargamento, quer das experiências narradas nas suas redes habituais de sociabilidade, quer do impacto do evento.

As conversas nos supermercados deixaram de se concentrar no vestido novo da vizinha do quinto esquerdo para ter como ponto de atenção o número de pavilhões visitados. “Num só dia consegui ver 20 pavilhões, a vizinha já viu o da Alemanha?” Perguntas como esta são uma constante enquanto se está à espera do quilo (bem pesado) de batatas.

(...) “Já vi o da Alemanha”, responde a vizinha do prédio ao lado. “Estive lá cinco horas, mas valeu a pena. O que me intriga é como é que a D. Maria (aquela que mora no segundo andar do prédio da D. Augusta (num só dia viu o da Realidade Virtual, o do Futuro e o da Alemanha, ela já tem 70 anos, não sei como é que aguentou tantas horas nas filas...” A resposta é imediata: “Então não sabe? Ela levou um papel do médico a dizer que sofria da coluna e por isso não podia estar de pé.” “Não me diga! Se eu soubesse tinha ido ao médico, porque só eu é que sei as dores das minhas cruzes e das minhas varizes. Eu logo vi que tinha de haver ali coisa...”

[Fernanda Mira, “O prestígio do carimbo”, *A Capital*, 26/9/98: 2]

E porque estávamos praticamente no final da tarde e chegara a hora da partida, sempre dolorosa, os nossos pequenos amigos de Vendas Novas lá foram de regresso a casa. Com alguma tristeza, porque se pudessem ficariam pela Expo até verem tudo, tudo mesmo. “Pelo menos, vamos poder dizer aos nossos amigos que viémos cá e que isto é giríssimo”, rematou o Tiago.

[Valdemar Pinheiro, “Os pequenos (grandes) invasores”, *A Capital*, 11/7/98: 33]

Os testemunhos das visitas não foram — e, face a um evento como a Expo’98, não poderiam sê-lo — meros registos factuais, sem adquirir o carácter simbólico de desdobrar e partilhar um acontecimento único. Os diferentes modos como esse desdobramento se processou, através de meios informais e formais, corresponde à sobreposição de contextos de produção de sentido, como sejam: a experiência comum do acontecimento no local; o seu posterior relato num círculo de conhecidos; o reconhecimento de experiências semelhantes nas descrições mediáticas; e, mesmo para quem não fosse visitar ou não tivesse ainda visitado a Exposição, pelo menos a possibilidade de tomar conhecimento de uma invulgar experiência comum — passe a aparente contradição dos termos — através dos média.

Neste sentido, não é despiciendo assinalar a insistência com que os jornalistas incorporaram a narrativa de inúmeros episódios (ainda que recriando-os) nos seus

próprios relatos. Pôde assim verificar-se a permeabilidade entre a difusão do acontecimento através de redes de sociabilidade (o “passar a palavra”) e de redes formais de comunicação mediática. Mais ainda, o impacto da Expo'98 fez-se em boa parte da interacção através dos média. Assim como parte do processo de mediação de que foi objecto, o evento originou determinadas formas de relacionamento social, do mesmo passo que a interacção social se tornou constitutiva do evento mediático.

Ainda um exemplo das filas de espera:

Sabíamos que na Expo'98 um dos grandes inconvenientes era as longas filas de espera para visitar alguns dos Pavilhões, mas nunca imaginaríamos que estas atingissem números tão elevados.

Foi o caso destes jovens (representados na fotografia que acompanha a notícia) que, como primeiros da ainda longa fila para o Pavilhão da Realidade Virtual, ostentavam orgulhosamente uma inscrição onde afirmam: “SOBREVIVEMOS APÓS 6 HORAS”.

Debaixo de um sol abrasador, com uma temperatura ambiente que rondava os 32.º, a aventura destes jovens foi um autêntico “suplício” ou capacidade de resistência, só possível de observar no povo português.

Não lhes invejo a paciência e essa capacidade de “... quem espera sempre alcança”, apenas para usufruirmos de 55 minutos num brinquedo virtual, viajando a bordo de um submergível futurista, que nos leva às ruínas da cidade submersa de Oceania.

Com a abertura dos Pavilhões às 10 horas da manhã e à hora a que registámos esta imagem – 17 horas –, estes aventureiros permaneceram na fila para o Pavilhão da Realidade Virtual desde as 11 horas da manhã até às 17 horas. Com mais uma hora no interior do Pavilhão, podemos afirmar que foi uma visita virtual à Expo'98.

Não vão concerteza para o *Guinness Book*.

Esse feito pertence por direito aos idosos portugueses que pernoitam no exterior dos Centros de Saúde para obterem o acesso a uma consulta médica.

Este facto não é uma Realidade Virtual.

[Tânia Cruz, “Expo'98: quem espera sempre alcança: 6 horas por 55 minutos de aventura virtual”, *Tribuna do Povo*, 11/9/98: 7]

Não se tratou, portanto, apenas de levar o que contar, mas também do próprio acto de contar durante — e como parte de — a visita à Exposição. Isto é, não se trata de considerar somente efeitos de descontextualização (pelo carácter efémero e invulgar do evento face ao quotidiano) e de recontextualização (pela posterior incorporação da experiência única na habitual). Há, antecedendo mesmo esses dois efeitos, a especificidade de um quadro de interacção multidimensional (António Firmino

da Costa, 1999), constituído por: um contexto de práticas sociais características; uma lógica específica de interacção; relações sociais realizadas em co-presença e alongadas para o exterior através da comunicação mediática; relações sociais estruturadas pela efemeridade do acontecimento; padrões de relacionamento social e configurações culturais actualizados por esse acontecimento.

Assim definido, o quadro de interacção constituído na Expo'98 deve entender-se, por oposição a "não-lugar" (Marc Augé, 1998), como "lugar múltiplo": no interior da própria Exposição, constituiu-se o contexto formado pelos visitantes face-a-face entre si; no seu prolongamento instantâneo para o exterior, constituiu-se o contexto reconhecível da grande afluência de visitantes; na combinação entre o espaço interno e externo da Exposição, constituíram-se práticas e configurações comuns, ou seja, experiências crescentemente generalizadas, e nesse sentido, partilhadas e actualizadas, de que a motivação para estar nas filas de espera foi uma manifestação particular.

Dá a possibilidade de a demora nas filas de espera se constituir como significante da visita. Alguns visitantes, como os jovens acima referidos exibindo num cartaz as suas longas horas de espera, chegaram mesmo a identificar-se pela ostentação desse significante. O facto de este ser captado e amplificado pelos média, especialmente quando – como no exemplo vertente — associado, mais ou menos arbitrariamente, a circunstâncias da vida comum, é parte integrante do quadro de interacção constituído por múltiplos contextos simultâneos. O mesmo raciocínio se poderia desenvolver a propósito de outros comportamentos tematizados como emblemáticos da visita à Expo'98 e portanto também seus significantes (como, por exemplo, as declarações dos visitantes quando interpelados sobre os modos e preferências de visita mais comuns, transmitidas em directo pela televisão ou pela rádio). O reconhecimento do seu significado – o carácter alargado, colectivo, da visita — decorre da especial densidade de visitantes e de relatos enunciados.

Para a produção desse significado contribuíram também efeitos de dissonância e recriação de sentido. Ou seja, o contexto vivido na Expo'98 fez-se também através da combinação entre o banal e o invulgar. Houve a celebração do anónimo – de que talvez fosse o melhor exemplo o estrelato, criteriosamente publicitado, dos visitantes que calhou transporem as barreiras mágicas de cada milhão de entradas. Houve também a diluição de fronteiras entre privado e público — paradigmática no acompanhamento e difusão da visita do cidadão Presidente da República pelos média. E houve ainda a inusitada intervenção da fama mediando a visita doutro modo incógnita.

Ontem, por exemplo, ia um pacato parzinho de namorados a entrar no Pavilhão do Reino Unido quando, contra todas as expectativas, uma série de pessoas lhes cai em cima a dar os parabéns. Habitados ao seu próprio anonimato, António Saruga e a namorada, ainda mal tinham percebido que tanta algazarra se devia ao facto de o jovem militar ser o milionésimo visitante daquele espaço, quando lhes salta para o caminho mais uma pessoa, mas desta vez é, nada mais, nada menos, que Cliff Richard, o cantor, que se dispõe a acompanhá-los durante um pedaço da caminhada na Expo.
[Gonçalo Pereira, "Uma grande caixa de surpresas", *A Capital*, 21/8/98: 17]

Os vários efeitos combinados na constituição do contexto social definido na Expo'98 estão associados àquilo que, nos comportamentos de visita, poderíamos designar como "experiência mediada" (Anthony Giddens, 1997). Por um lado, o "efeito de colagem" referido pelo autor (a produção de sentido decorrente da justaposição de diferentes mensagens veiculadas pelos média) é relativamente claro. Por outro, a uma segunda dimensão do conceito, relativa à "intromissão de acontecimentos distantes na consciência quotidiana" (no caso o cruzamento com as diversas expressões culturais presentes na Exposição), poderíamos acrescentar que na Expo'98 se verificou também a evidenciação da consciência quotidiana num evento, se não distante no espaço, pelo menos excepcional no espaço e no tempo. Assim, se uma característica fundamental do impacto da Exposição foi a possibilidade de conhecimento de novas realidades, esse conhecimento também se processou através da sua articulação com o já conhecido. Pode então concluir-se, em concordância com o autor, que na Expo'98 a experiência mediada não se reduziu à criação de uma "realidade virtual" separada da realidade propriamente dita, antes se puderam observar movimentos de deslocação entre o regular e o efémero, com os quais se constituiu um contexto particular na sua temporalidade, mas comum no significado.

Celebração colectiva: entre o organizado e o imprevisto

Ao participar da especial densidade social da Expo'98, cada visitante não apenas interagiu com os seus co-participantes como era levado a definir o evento e a situar-se nele. Assim se definiam roteiros de visita, espectáculos ou pavilhões a ver, passeios a dar. Por outro lado, apresentava-se uma dimensão institucional no desafio, de ocupação do espaço do recinto, proposto ao público pelos responsáveis da Exposição — quer em termos da disposição arquitectónica, quer em termos da programação de espectáculos.

Um exemplo assinalável dessa proposta institucional de vivência do espaço aberto foi dado pelo projecto de arte pública, através das instalações plásticas localizadas no recinto (pavimentos de calçada, painéis de azulejos, esculturas utilizando materiais diversos), que simbolizassem o tema da Exposição, mas que permanecessem para além dela. Funcionando como pontos de referência no recinto, aquelas obras tornaram-se reveladoras do jogo de vai-e-vem entre ordenação do espaço e apropriação pública da arte. Sintomático a este título foi o caso da girafa, feita em fibra de vidro e completamente branca, instalada junto aos jardins de água e reflectindo-se num espelho, que os passeantes aproveitavam para se compor para a fotografia. A dada altura, o simulacro do animal foi encontrado entre grades, não porque fosse fugir, mas em função do receio sentido pelos organizadores de que se repetissem casos (que afinal se verificaram raros) de vândala iconoclastia. Nada porém que impossibilitasse, dias depois, o seu regresso às fotografias familiares, para as quais se chegavam a formar, até aí, filas de espera.

Se, no quadro da participação no evento, se podia identificar um lado organizado, e mesmo normativo, também se podia identificar um lado de fruição imediata e espontânea do espaço e, por essa via, de apropriação do evento como festa. Como ilustração demonstrativa, é de salientar o modo como as brincadeiras de miúdos tiveram o significado de tornar comum comportamentos particulares.

Em termos da apropriação do espaço, já na Exposição Universal de Sevilha de 1992 se assistira a uma curiosa reversibilidade de signos (Penelope Harvey, 1996). Os pontos de água espalhados pelo recinto começaram por ser dispositivos paisagísticos, função essa que se redefiniu através da sua apropriação pelos visitantes como antídoto contra o calor. Descomposta a imagem arquitectónica inicial da Exposição, foi assumida, até pela organização, uma outra imagem promocional do recinto: a dos visitantes a banharem-se na paisagem.

Algo de semelhante ocorreu na Expo'98. Se da parte dos responsáveis pelo recinto havia o desejo expresso de que o espaço fosse apropriado pelos visitantes, estes levaram à letra tal desejo. Junto dos famosos vulcões de água, no tanque gigante no exterior do Pavilhão da Água, nos lagos dos Jardins Garcia da Orta, ou na cascata dos Jardins de Água, muitos aproveitaram para molhar os pés, ou mesmo molharem-se por completo. Por vezes, aos mais renitentes alguns miúdos poupavam indecisões à força de bisnagadas. Outros miúdos aproveitavam até para transformar os canais dos vulcões numa espécie de piscina. Outros ainda (a quem provavelmente meros canais não bastavam (não hesitaram em atirar-se ao Tejo. Dezenas de insólitos banhistas foram retirados do rio pelo serviço permanente dos Fuzileiros. No fim de contas, o tema oficial da Exposição adquiriu um sentido mais sensível e abrangente.

Além do aproveitamento do espaço, do circuito dos pavilhões, ou da assistência aos espectáculos, a visita à Expo'98 foi em grande parte feita pelo próprio flunar do passeio. E essa visita que não teve um objectivo especificamente delineado foi porventura a que melhor expressou a dimensão festiva da Exposição, porventura a mais atenta e disponível para o seu aspecto convivial. Por outro lado, essa dimensão de convivialidade colectiva estaria à partida regulada pela própria ordenação do recinto. Por isso, teve um significado acrescido a apropriação do espaço, justamente no sentido de o moldar a essa convivialidade. Em suma, se o recinto acolheu a festa, o conjunto dos visitantes fez colectivamente a festa.

Acentuar o carácter colectivo da realização da festa corresponde a enfatizar, para além das dimensões institucional e situacional, a conjunção de diferentes posições, papéis e comportamentos sociais no quadro de interacção definido pela Expo'98. Pensando no caso dos "trabalhadores-visitantes", pode dizer-se que essas múltiplas dimensões, analiticamente distintas, se encontravam em boa medida sobrepostas na prática.

Foram quase cinco meses a trabalhar aqui, na companhia de centenas de pessoas, vindas de outras tantas nacionalidades. Tudo tinha começado por um amigo, que lhe tinha dito qualquer coisa como "o pavilhão x está a aceitar assistentes". Em outros casos a novidade passou de boca-em-boca: "vai haver *castings* para o espectáculo y" ou ainda "vamos contratar mais gente para o restaurante z, queres ir para lá

trabalhar?" Em qualquer dos casos era uma oportunidade de "embarcar" nesta epopeia, conhecer muita gente diferente... e ganhar umas boas massas, diga-se com frontalidade.

Para além disso uma coisa há que admitir: trabalhar numa "coisa" destas é diferente de trabalhar em qualquer outro lado ou função.

Servir à mesa num restaurante tunisino, aqui, é uma oportunidade de conhecer pessoas de toda a parte do mundo ao invés de travar conhecimento apenas com os apreciadores de uma gastronomia variada que lá iriam, caso o restaurante fosse em outro local.

[João Morales, "Nada como fazer parte da aventura", *A Capital*, 23/9/98: 32]

Evidencia-se nesta citação que uma prática como experimentar outras gastronomias nos restaurantes do recinto não é uma simples circunstância de procura do exótico, como seria se acontecesse noutra lugar que não a Expo'98. Aí, mesmo para quem servia à mesa, a experiência é dobrada de outro significado, fundamentalmente constituído pela possibilidade de encontro com outra e diversa gente. Pode dizer-se então que a celebração colectiva – na sua abrangência e diferenciação interna – resulta da combinação entre diversidade de visitantes (modos de visita) e a densidade do contexto.

O significado social da dimensão colectiva da celebração não é inteiramente apreensível em análises fundadas, ora na elaboração de tipologias relativas à diferenciação das práticas culturais de acordo com segmentações de públicos mais restritos ou mais alargados (Nicholas Abercrombie e Brian Longhurst, 1998), ora em concepções em que o plano das massas, formadas por micro-grupos, é antitético face ao do indivíduo (Michel Maffesoli, 1988). E não é inteiramente apreensível porque nessas análises fica descurada a possibilidade de *coexistência* do particular e do geral, do individual e do colectivo, como *elemento constitutivo central* de um quadro de interacção específico, como aquele que se verificou na Expo'98.

A integração de contextos particulares num contexto social abrangente e a participação individual no acontecimento colectivo transmitiram à Expo'98 uma amplitude pública que não se esgotou no mega-evento cultural. Dada a sua dimensão e significado, a Expo'98 constituiu na sociedade portuguesa um momento especial de construção do espaço público (Jürgen Habermas, 1978). A densificação da celebração festiva acarretou um carácter de participação cívica no acontecimento.

Não por acaso a Expo'98 foi tematizada como lugar de uma nova forma de estar em público e lugar de confronto entre representações da habitabilidade do espaço, a propósito de questões aparentemente comezinhas. Lembre-se a proibição inicial, depois revogada, de entrar com merendas no recinto da Exposição. De acordo com as descrições das visitas nos meios de comunicação, o lanche acabou até por tornar-se um hábito regular no espaço do recinto.

As pernas já pediam repouso e na Área Sul há bons locais para descansar. Um deles, farto em espaço, assentos e sombras merecia ser baptizado como "Praça da Vitória das

Merendas", tal a quantidade de visitantes que faz uso do petisco caseiro. E já agora, uma "dica" para os que ainda não foram à Expo e pretendem ir levando farnel: os bancos de papelão que se vendem no recinto (500 escudos) são excelentes para fazer de mesa. Na quarta-feira passada, várias dezenas de pessoas usavam-nos como tal e em cima de alguns deles viam-se mesmo panos de cozinha ou guardanapos a fazerem de toalha. A imaginação não tem limites...

[Luciano Alvarez, "Marchar, marchar", *Público*, 12/7/98: 40]

Outra das conclusões a retirar da curta passagem pela exposição é que existe hora do lanche na Expo. Quatro, cinco horas da tarde, grande parte dos visitantes procuram uma esplanada, um banco ou uma sombra para descansar os pés e degustar qualquer coisa. Até os lugares para concertos servem para merendar. Ouve-se um ensaio de piano, assiste-se aos preparativos para o espectáculo sempre de copo na mão e pedaço de pizza ou sandes noutra. E sempre à sombra. Depois é levantar e ir engrossar as filas de espera de certos pavilhões.

[Paula Ferreira, "De dia o sol *Kheima* melhor", *A Capital*, 10/7/98: 30]

Esta não foi a única questão (na aparência (menor a ser publicitada através dos média, enquanto tematização da Expo'98 como lugar de um novo civismo. Além das merendas, teve larga repercussão a hipótese de aí se erradicar o nefando hábito de atirar papéis para o chão. Esta questão, talvez mais que a primeira, tornou-se como que uma imagem de marca da Exposição. Mas, para além deste significado imediato, ou através dele, há um outro mais profundo: o da presença de uma forte normatividade nas relações sociais que embora difusa não foi por isso menos eficaz. As pessoas reconheceram naquele espaço um lugar novo e diferente, tendo-se generalizado a ideia de que especialmente ali não se atirariam papéis para o chão (mesmo que os serviços assegurassem a limpeza geral). Fosse esta conduta inédita ou não, e fosse ou não prolongada depois da Exposição, ela tornou-se então exemplar dos modos de estar em público. Forçando um pouco a nota, pode ver-se aí a evidenciação da vivência urbana das classes médias, principais frequentadoras da Exposição.

Por outro lado, tais formas de estar relacionam-se com transformações profundas da sociedade portuguesa. Se é certo que os consumos culturais domésticos têm aumentado, a Expo'98 demonstrou bem a importância das práticas de saída e, por essa via, uma notável abertura do espaço público. Como exemplo paradigmático não pode deixar de ser referido o caso dos idosos.

É espantosa a quantidade de senhoras de idade com ar de reformadas já do tempo das boas reformas que vão passar dias à Expo. Arrastando atrás de si os maridos, ou em bandos com as amigas, estas avozinhas arrançadas com um ar cidadão simples, enxameiam pelo recinto.

(...) Tornou-se cosmopolita, a geração das senhoras que já tinham filhos adolescentes no 25 de Abril, deitou para trás das costas uma boa parte da educação que recebeu dos pais que viveram os anos muito apertados em volta da guerra de 1939/45, e agora

quer gozar a vida. Ninguém representa melhor o Portugal-da-Expo do que elas.

[José Vilas Monteiro, "Uma exposição ao gosto das avozinhas", *A Capital*, 28/9/98: 2]

A Expo'98 transformou-se, em suma, não só numa ocasião em que emergiram sinais de alguma transformação social, como uma oportunidade de construção reflexiva de modos relativamente novos de estar, individual e colectivamente. Observou-se não apenas um contexto singular de interacção, mas a produção e cruzamento/confronto de representações identitárias através das situações vividas nesse contexto. O espectáculo realizado por ocasião do aniversário de Amália Rodrigues pode aqui ser ilustrativo, pela especial visibilidade que adquiriu.

A visibilidade deste caso não se deveu tanto, ou não se deveu apenas, a um particular espectáculo de/para Amália. Nas opiniões veiculadas através dos média, deslizou-se rapidamente do comentário ao espectáculo particular para a discussão do significado de *Amália* como elemento reconhecível, embora ambíguo, da cultura nacional (e no limite elemento de identificação do país).

A reconstituição do episódio permite identificar três níveis de confronto: institucional, relativo a divergências entre os responsáveis máximos pela Exposição quanto ao figurino do espectáculo, tendo acabado por se concretizar os dois que estavam em alternativa; entre formas culturais, erudita e popular, correspondentes aos modelos escolhidos para os dois espectáculos realizados, um para um público mais restrito, outro para um público mais alargado; simbólico (entre tradição e contemporaneidade —, relativo à notável repercussão que tiveram as reacções sobre o significado do episódio).

Com a realização da homenagem pôde ver-se o que não fora posto em causa: o reconhecimento praticamente unânime da excepcionalidade da homenageada. No entanto, fez-se sentir o desfazamento entre os dois espectáculos que suscitaram, entre apreciadores e detractores, críticas de tonalidades diversas. Tornou-se então claro que nenhuma homenagem poderia ser suficiente para a *diva* e para a *fã-dista*. Como se cada comentário (passe a generalização (transportasse um programa alternativo para o mesmo espectáculo, sem por isso deixar de participar no acontecimento que decorria).

Durante a discussão, fez-se ver o reflexo instantâneo dos então chamados "dois portugueses" através da imagem de Amália, evocando, ora o tempo de um país com oito séculos cioso das suas tradições, ora o tempo acelerado de um país que se quer virado para o exterior. Suscitando o espectáculo reacções várias, estas tiveram em comum pelo menos o discutirem-se entre si, e daí o significado (re)construído do símbolo *Amália*. Aliás, a discussão, nos três níveis identificados, foi também parte da própria construção social da festa. Afinal, é porque existiu uma conjuntura particular de densidade que se revelou a forma como a diversidade de significados concorrentes produz símbolos colectivos e a festa como acontecimento social.

Em conclusão, no contexto efémero de efervescência colectiva, de densificação de relações sociais, a Expo'98 constituiu um momento de intensa sociabilidade (nuns aspectos mais ordenada, noutros mais espontânea. A sua importância deveu-se em grande parte à genérica participação de diferentes pessoas e grupos sociais num convívio colectivo. Talvez não seja grande exagero pensar que nesse

sentido se assistiu a um reconhecimento de pertença colectiva dos cidadãos portugueses a uma sociedade eventualmente mais cosmopolita e modernizada. Por outro lado, enquanto fenómeno cultural, na acepção lata do termo, a Expo'98 contribuiu decisivamente para alguma reformulação e alargamento de horizontes das formas de estar e de participar no espaço público.

Nota

- 1 O presente artigo retoma e prolonga a análise de materiais empíricos utilizados no âmbito de um projecto de investigação realizado no Observatório das Actividades Culturais e publicado na colecção OBS — Pesquisas, com o n.º 6: Maria de Lourdes Lima dos Santos e António Firmino da Costa (coord.), Rui Telmo Gomes, Vanda Lourenço, Teresa Duarte Martinho, José Soares Neves e Idalina Conde, *Impactos Culturais da Expo'98: Uma Análise através da Imagem Mediática*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais, 1999. Pelas questões debatidas, bem como pelo trabalho desenvolvido em comum, a todos o autor quer aqui expressar o seu agradecimento — embora o aprofundamento das questões agora apresentado só a ele comprometa. O agradecimento estende-se ainda aos comentários de João Sedas Nunes e Miguel Chaves.

Referências bibliográficas

- Abercrombie, Nicholas e Brian Longhurst (1998), *Audiences*, Londres, Sage Publications.
- Augé, Marc (1998), *Não-Lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, Lisboa, Livraria Bertrand (1992).
- Bakhtine, Mikhail (1970), *L'Oeuvre de François Rabelais et la Culture Populaire au Moyen Âge et Sous la Renaissance*, Paris, Éditions Gallimard.
- Costa, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro. Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras, Celta Editora.
- Durkheim, Émile (1979), *Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse*, Paris, Presses Universitaires de France (1912).
- Elias, Norbert (1992), *A Busca da Excitação*, Lisboa, Difel (1985).
- Giddens, Anthony (1997), *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta Editora (1991).
- Habermas, Jürgen (1978), *L'Espace Public. Archéologie de la publicité comme dimension constitutive de la société bourgeoise*, Paris, Éditions Payot (1962).
- Harvey, Penelope (1996), *Hybrids of Modernity. Anthropology, the Nation State and the Universal Exhibition*, Londres, Routledge.
- Maffesoli, Michel (1988), *Le Temps des Tribus. Le Déclin de l'Individualisme dans les Sociétés de Masse*, Paris, Meridiens Klincksieck.

- Pais, José Machado (1995), "Éticas e estéticas do quotidiano", in Maria de Lourdes Lima dos Santos (coord.), *Cultura e Economia*, Lisboa, Edições do Instituto de Ciências Sociais de Universidade de Lisboa.
- Santos, Maria de Lourdes Lima dos (1995), "Cultura dos ócios e utopia" in Maria de Lourdes Lima dos Santos (coord.), *Cultura e Economia*, Lisboa, Edições do Instituto de Ciências Sociais de Universidade de Lisboa.
- Santos, Maria de Lourdes Lima dos e António Firmino da Costa (coord.), Rui Telmo Gomes, Vanda Lourenço, Teresa Duarte Martinho, José Soares Neves e Idalina Conde (1999), *Impactos Culturais da Expo'98: Uma Análise através da Imagem Mediática*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- Simmel, Georg (1997), "The Sociology of Sociability", in David Frisby e Mike Featherstone (eds.), *Simmel on Culture*, Londres, Sage Publications (1949/50).

Artigos de imprensa citados

- s/a, "Heróis da noite garantem certame", *Correio da Manhã*, 2/7/98: 5.
- s/a, "O que fazer numa fila de espera", *Olivais*, Junho 98: 6.
- Alvarez, Luciano, "Marchar, marchar", *Público*, 12/7/98: 40.
- Barata, Nuno, "Bronze a la Expo e outras coisas", *A Capital*, 17/8/98: 20.
- Carneiro, Goretti, "Há que aguentar", *Semanário*, 29/8/98: 25.
- Coelho, Nuno, "Take a walk on the wild side", *A Capital*, 25/9/98: 30.
- Cruz, Tânia, "Expo'98: quem espera sempre alcança: 6 horas por 55 minutos de aventura virtual", *Tribuna do Povo*, 11/9/98: 7.
- Fernandes, Ana, "Isto é uma pedra", *Público*, 26/5/98: 28.
- Ferreira, Paula, "De dia o sol Kheima melhor", *A Capital*, 10/7/98: 30.
- Ferreira, Vera, "Um apetecível boião de aventuras", *A Capital*, 25/6/98: 20.
- Fidalgo, Paula, "Muita música e pouco banco", *A Capital*, 27/8/98: 27.
- Gomes, J. P. Baltasar, "Carta ao director: a arte de ser português", *24 Horas*, 21/9/98: 15.
- Mira, Fernanda, "O prestígio do carimbo", *A Capital*, 26/9/98: 2.
- Monteiro, José Vilas, "Uma exposição ao gosto das avozinhas", *A Capital*, 28/9/98: 2.
- Morales, João, "Nada como fazer parte da aventura", *A Capital*, 23/9/98: 32.
- Pedro, Tiago Luz, "Longas são as noites", *Público*, 25/7/98: 30-31.
- Pereira, Gonçalo, "Uma grande caixa de surpresas", *A Capital*, 21/8/98: 17.
- Pinheiro, Valdemar, "Os pequenos (grandes) invasores", *A Capital*, 11/7/98: 33.
- Rainha, Vítor, "Des(animação) nocturna", *Expresso. Vidas*, 13/6/98: 6.
- Salema, Isabel e Vasco Câmara, "Onde há uma grande bicha deve ser bom", *Público*, 7/6/98: 36-7.
- Santos, Cláudia Silva, "Nas pegadas da exposição", *A Capital*, 8/9/98: 31.

Rui Telmo Gomes. Sociólogo. Investigador do Observatório das Actividades Culturais. Qualquer contacto pode ser feito para: Observatório das Actividades Culturais, R. Garrett, 80, 2.º C, 1200-204 Lisboa; ou através do *e-mail* Rui.Gomes@ics.ul.pt